

DIRETORES E PROPRIETARIOS
 Lyster Franco e
 João Pedro de Sousa

ADMINISTRADOR,
 João Pedro de Sousa

EDITOR,
 Lyster Franco

PUBLICA-SE A'S QUARTAS E SABADOS

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
 Tipografia do Heraldo

RUA 1.º de Dezembro

FARO

ASSINATURAS

25 numeros..... 50 centavos

COMUNICADOS E ANUNCIOS

Cada linha 2 centavos. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial.

POLITICA NACIONAL

As eleições políticas e os partidos

Realizam-se amanhã, quasi por todo o paiz, as eleições supplementares de deputados, em pureza e importancia certamente as primeiras do nosso regimen, pois, como é sabido dos nossos leitores, e aqui o acentuamos, as anteriores foram o produto hibrido duma sociedade revolta, sendo inquestionavel que os deputados saíram do chapéu alto e reluzente do antigo Directorio.

Outro tanto não sucede agora. Dentro do Partido Republicano Portuguez tem-se procurado afirmar bem alto o principio de que é ás comissões municipais e paroquiais que cabe o direito da escolha dos deputados, bem que sob a sansão logica e aprovativa do Directorio. Evidentemente, sendo este a velar, com todo o cuidado, pela pujança e independencia do partido, a ele e só a ele compete a aprovação das candidaturas. Foi neste sentido que se iniciaram e tem dirigido todos os trabalhos, ainda que com ligeiros atritos, hoje felizmente desfeitos perante as legitimas considerações de interesse geral para a unidade e predomínio do grande Partido Democratico.

O mesmo não aconteceu com os outros partidos, onde os nomes se apresentavam como que saídos do alcapão de qualquer magica deslumbrante. E assim, successivamente, esses nomes foram saindo dos chapéus dos chefes, sem que se ouvisse ou lesse algures que esta ou aquela comissão os houvesse alvitado.

Predominou em toda a linha o principio da idolatria. O chefe, tal qual como no tempo da monarchia, indigitava os amigos para a grande luta. Só por esta forma se compreende que por certos circulos fossem propostos individuos que ninguém por lá os conhece, nem teria a fraca lembrança de os propôr.

Numa só hypothese levaríamos a bem tão grande corrupção e é a de se considerarem esses tais candidatos como jarrões enormes, tão só apontados para decorarem a galeria dos partidos, á semelhança dos bonecos do pim-pam-pum.

Ora que isto assim é prova-lo-ão as eleições que amanhã se realisam.

O terreno está preparado. Boa semente tem sido lançada á terra. Os comícios, as conferencias e os manifestos são aos cardumes. A imprensa não se tem poupado aos maiores esforços, para a melhor orientação do publico.

Contrariamente ao que só no tempo da monarchia se dava e constituia o maior ultrage para o eleitorado, os candidatos, desconhecidos dos seus circulos, tem-se aqui apresentado, mostrando o que são e o que valem, dizendo ao que vão e o que desejam.

Nem era logico, nem era decente que neste regimen outra coisa se fizesse. Apresentando-se o candidato aos seus eleitores, provará que não é um pato mudo, nem um mistificador, pois demonstra, assim, ser coerente com os bons principios republicanos. O candidato que se esquivasse a tal prova seria para nós, como para toda a gente sensata, um homem sem carater, um simples trocatintas á busca das suas conveniencias. E para isso nem

mesmo precisamos descer á hypothese de ser esta a doutrina expandida publicamente pelo candidato. Isso então seria agravar a sua situação, que se tornaria demasiadamente vexatoria, para jamais ele ter a ousadia de expôr algures a sua opinião.

O Partido Democratico tem-se desentranhado em patentear, que a este respeito tem sido sincero o seu proceder. E porque assim é, determinou, pelo seu Directorio, que os candidatos se apresentassem e fizessem a propaganda dos seus ideais. Cada um tem dito da sua justiça e da justiça que assiste ao partido por que combate.

Ahi, junto dos seus eleitores, tem os candidatos do Partido Republicano Portuguez afirmado as convicções que os vitalisam; ahi, no seio do povo, tem feito ouvir a sua voz, mostrando a vontade de que estão possuídos para trabalhar e bem servir a Patria e a Republica.

Para longe e bem longe vá esse tempo em que, como dissemos, só a vontade dos chefes imperava. Para evitar a reprodução dos factos que então se passavam e que a um tempo exprimiam abuso e estupidez, abuso da parte dos chefes e estupidez dos candidatos, é que se intenta agora, na vigencia da Republica, fazer conhecidos os candidatos do eleitorado.

Nenhum republicano sincero deixará de o reconhecer e de o ter afirmado de viva voz ou pela imprensa. E os que o tiverem afirmado terão tido a coerencia e a hombridade precisas para repudiarem a esmola de qualquer candidatura, desde que não possam fazer-se conhecidos daqueles que os deveriam eleger.

São estes e outros semelhantes, os factos por onde se aquilata o carater do individuo, visto sermos de opinião que o carater politico define bem o carater pessoal.

A propaganda tem sido trabalhosa e intensiva, e o eleitorado deve estar sufficientemente elucidado para concorrer ás urnas. Creemos bem que não haverá surpresas, pela simples razão do paiz estar bem integrado no Partido Democratico, que é o partido do presente e do futuro da nação portugueza.

As urnas falarão, dando uma extraordinaria maioria de votos ao nosso partido, que assim ficará com o predomínio incontestado sobre todos os outros, dentro do Congresso.

Isso e só isso constituirá a felicidade da Republica, pois todos sabem quão afanosamente este partido tem trabalhado para a restauração da economia do paiz, mola real da regeneração, como povo independente.

O Partido Democratico, indo á urna em todos os circulos, provará que o não faz por diletantismo e tão somente para acentuar o seu valor e mostrar que esta Patria reviverá sob o seu impulso benefico. É certo que ninguém tem illusões sobre o resultado, embora, para incitamento partidario, nascido apenas da fraqueza, os órgãos jornalisticos dos outros partidos, se esfaquem, dizendo que a victoria lhes pertencerá. Triste victoria a sua! E tão

triste ela será, que, apercebidos da verdade, já se vão sangrando em saude, afirmando á todos os ventos que, se perderem, é por terem sido criminosamente falsificados os recenseamentos.

Amanhã ou passado, depois de se evidenciar a derrota, acrescentarão ainda que foram cruelmente expoliados dos seus votos.

Coitados! De qualquer maneira temem que desculpar as fraquezas proprias. Mas nós, que já estamos cientes das lamurias que eles vão fazer, meteremos algodão nos ouvidos e deixa-los-emos chorar o choro triste e amargo dos infelizes. E depois das eleições camararias terão de dobrar o pranto, e esse então será mais estrondoso, por ser mais geral.

CANCIONEIRO DO POVO

Oh arvoredo fechado,
 Não digas que eu aqui vim;
 Não quero que o amor saiba
 Novas nem partes de mim.

O meu amor é um cravo,
 Só en o soube escolher;
 O craveiro não tem outro,
 Só se vier a nascer.

Menica do laranja,
 Deite-me uma laranjinha;
 Antes que ela seja azeda,
 Da sua mão é doceinha.

NOTAS E COMENTARIOS

Dr. Afonso Costa

Foi a todos os titulos grandiosa a manifestação que fizeram no Porto ao dr. Afonso Costa, quando ultimamente ali foi realizar uma conferencia sobre a situação do paiz, é tão grandiosa e eloquente ela foi, que as oposições, apesar de systematicas, enguliram a pé queda e sem rumores as verdades que o illustre presidente do ministerio ali expoz com a sua viva intelligencia e o seu habitual desassombro.

Por aqui se vê que o prestigio do governo está superior aos estultos caprichos daqueles que, pelo estafado processo da calunia, pretendiam denegrir o bom nome e são carater do dr. Afonso Costa.

O chefe do Partido Democratico é por todo o paiz delirantemente aclamado, sendo este facto a prova irrefutavel de que o Povo ama a Republica e deseja á frente dos seus destinos o maior estadista que ela possui e o temperamento mais anergico dos homens publicos da actualidade.

Julgamento de imprensa

Concluiu-se na quarta feira o julgamento de imprensa movido pelo sr. dr. José Vicente Madeira contra o sr. dr. Batista Dias Gomes, ex-director do semanario *Ecos do Sul*, de S. Braz de Alportel, por virtude dumas locaes publicadas nesse jornal e que o sr. dr. José Vicente Madeira considerou injuriosas e difamatórias.

A acusação fê-la o proprio queixoso, e o reu teve como advogado o sr. dr. Carlos Fuzeta. O juri resolveu no sentido de que se verificaram os factos sobre que recaiu a acusação, mas que o reu os cometera sem intenção de injuriar nem difamar.

Nestes termos, o sr. dr. Batista Dias Gomes foi absolvido.

Coisas de S. Braz

Alguem de S. Braz nos escreve, dizendo-nos que é preciso não esquecer a historia das *celebres contas* da Junta de paróquia e das não menos *celebres contas* do paço episcopal.

Agradecemos o incitamento e louvamos o interesse que ao povo de S. Braz tem causado a gossa campanha.

As contas que vieram publicadas a respeito da Junta de paróquia já todos nos sabemos que foram para inglez ver e para iludir os papalvos. Claro está que não satisfizeram ninguém, porque logo se compreendeu o artificio do seu forjador.

Apezar de tudo, ha, hipocritas que se julgam vitoriosos com a exhibição grotesca dessas contas exquisitas, misteriosas e sibilinas.

ideia do confronto com a administração monarchica.

Querem-se as contas, mas exitamente como elas devem ser, sem fingimentos, nem misterios, nem parcelas enigmaticas.

Querem-se as contas, mas com a indicação minuciosa da receita e despesa, de modo que se possa verificar a sua exactidão, pela observancia das provas.

A Junta de paróquia, envolvida ha tantos mezes nesta situação que pouco lhe devia agradar, só desta maneira, se a ajudar a verdade, conseguirá impôr a sua pretensa honestidade, e seremos nós os primeiros a reconhecê-la.

Quanto ao paço episcopal, ha em S. Braz quem estranhe que *tambem agora* nos lembremos de querer publicadas as contas que dizem respeito á sua administração.

Tambem agora, heim?! Pois não são estas as contas que já pedimos em 28 de maio e em que tantas vezes temos insistido ha meio ano para cá?! Pois não são estas as contas que o sr. João Rosa Beatrix, detentor do paço, protestou ha mezes apressiar, sem que até hoje o tenha feito?!

E estranham então que a gente escreva, que o povo murmure e tire conclusões!...

Limpeza da cidade

É' assaz repugnante a sujidade que se vê e senie em diversas ruas de Faro. Ha moradores que, sem o minimo respeito á lei e sem a menor consideração pelos vizinhos ou transeuntes, lançam para a via publica as maiores porcarias, ficando ahi tempos esquecidos.

Que as autoridades competentes deem uma vista de olhos por estas coisas e evitem de futuro essas vergonhas.

O bloco

Diz-se por ahi, vagamente, que os unionistas e socialistas de Faro se congregam aos evolucionistas, para, todos juntos, fazerem um ataque cerrado ao Partido Democratico, por ocasião das eleições camararias.

Se fosse verdade, nem mesmo assim o Partido Democratico teria medo ao grande bloco. Mas estamos em crer que será mentira, porque a attitude dos socialistas, caindo em tal erro, seria o cumulo do retrocesso e da incongruencia.

Nada, não pode ser! Mas se tal coisa se realizar, podem desde já ficar sabendo que nem assim teremos receio de vencer.

Mercado de hortaliças

Não sabemos o que ha de positivo a respeito das ultimas resoluções que se tomaram, quanto ao mercado de hortaliças, mas consta-nos que, por vontade da comissão distrital, em vez do encerramento se fazer ás dezesseis horas passará a ser ao pôr do sol.

Vá lá. Se assim for, concordamos.

Junta de paróquia de Olhão

Devido a uma informação particular, que tivemos na conta de verdadeira, publicamos no *Heraldo* de 18 de outubro a noticia de que fôra dissolvida a Junta de paróquia de Olhão e, por força das referencias que a seu respeito o informador tinha dado, comentámos que essa dissolução *ha muito deveria ter-se verificado, para evitar escandalos e vergonhas*.

Em virtude desta noticia, recebemos no dia seguinte um officio do sr. José Sebastião Guita, presidente da referida Junta, no qual este cidadão nos pedia o obsequio de lhe dizermos quaes os motivos que nos levaram a afirmar tal coisa.

Recebido este officio, desde logo sobreestivemos no conceito que formamos da Junta e, pelo dever de correção e justiça que sempre orientou o nosso procedimento de jornalistas, dirigimo-nos pessoalmente ao informador, para que nos esclarecesse o caso e nos indicasse quaesquer escandalos ou vergonhas em que a Junta houvesse incorrido, para assim nos habilitar á resposta, insistindo na accusação.

E' certo, porém, que nenhum facto concreto ouvimos referir ao dito informador, pelo que, em nosso entender, ficou exuberantemente libada a boa reputação dos membros da referida Junta.

Concios de que assim temos cumprido o nosso dever, aqui deixamos esta formal declaração, para que com ela se desfaçam no espirito de quem quer que seja as más impressões que a noticia do *Heraldo* por ventura lhes tenha causado.

Além disto, ainda averiguamos que nem o facto da dissolução estava realisado e que portanto a noticia era inexacta sobre os seus dois aspectos.

DEMOLINDO

O JESUITISMO EM PORTUGAL

O reinado de D. Maria I veio demonstrar que o braço de ferro do marquez de Pombal não pudera desviar da carreira da decomposição esta sociedade envenenada pela educação jesuitica. O ministro pôde exterminar a companhia; mas não pôde extinguir o seu espirito, nem os seus discipulos, que eram em Portugal toda a gente, incluindo Pombal em pessoa. Pôde, á custa de vontade e dinheiro, forjar um Portugal aparente: não pôde alterar a índole adquirida do povo. Como charua que revolve a gléba, exterminou as plantas visíveis; porém as raizes dos cardos e escalrachos ficaram e reverdeceram. Logo que a morte do rei condenou o ministro ao exilio, rebentaram do chão os cogumelos, a adornar o tronco duma rainha a quem nunca sobrepujou o juízo e veio a morrer doída. Nos seus quatro reis, a dinastia de Bragança contava já dois mentecaplos: Afonso VI e D. Maria I.

Nobreza e clero, de mãos dadas, sentiam a necessidade de continuar a comedia do tempo de João V, que o importuno ministro viera interromper. Cumprenos, pois, a nós, registrar as fisionomias dos personagens e a acção da peça. Desse modo o leitor ficará sabendo melhor como era esse tempo, do que se nos demorássemos a estudar os casos mesquinhos da politica: o processo do marquez, a reabilitação dos réus de 3 de setembro, etc.

As influencias do confissionario e de alcova tornaram á ser dominantes, agora que no trono se sentava uma mulher, virtuosa sim, mas tambem a maior *beata* que a educação jesuitica podia crear no decurso de quasi tres seculos. Os *empenhos* ficaram desde então caracterisando a mola principal do mecanismo administrativo portuguez; e á sombra deles, á sombra da camarilha que reinava no paço, instituiu-se uma desordem, tão soez como corrupta. O *desembargador* formou-se em tipo de pujança inepta, cheia de basofias, ventripotente, e faz-tudo duma nação que nada sabia. Pina-Manique, o grande homem do reinado, era desembargador, intendente geral da policia, administrador da alfandega de Lisboa, feitor-mór das alfandegas do reino, provedor da casa pia; administrador das calçadas e da iluminação da capital, e muitas cousas mais.

Á sombra da protecção desembargatoria fervia o roubo. Um Sarmento e um Costa, (era sabido por toda a gente em Lisboa) tinham loja aberta de logares publicos; um sargento mór das ordenanças do Fundão comprou o cargo por 5.000 cruzados. Certa freira, querida de Luiz de Vasconcelos, era considerada como um dos melhores *empenhos*. E o proprio arcebispo de Thessalonica, o confessor da rainha, onipotente sol da monarchia, não se dignava de proteger os *Ferreiras*, arrematantes dos contrabandos. Foi essa uma larga historia cheia de peripecias. Outrora as tomadas eram queimadas; mas a rainha convenceu-se de que melhor valia pô-las em praça, e aplicar o producto á obras pias. As tomadas não eram arrematadas, mas eram dadas, por avaliação aos *Ferreiras*, que engordavam, engordando os seus protectores. Considerava-se uma das melhores *postas* a de superintendente dos contrabandos. Os ministros eram creaturas singulares. O marquez de Ponte de Lima, dado por prodigo, nem por isso se julgava inapto para governar o reino. A sua paixão eram as gran-cruzes, e ocupou-se todo na grande obra de fixar duma vez a côr das fitas de Cristo, de Aviz e de Santiago. O cardeal da Cunha tinha uma ostentosa livraria: 11.000 volumes, a que alguns chamavam as onze mil virgens. Mas o grande homem do tempo era o arcebispo de Thessalonica, tão bruto-o atrevido que não escapou a uma sova que lhe deram na *matinha* de Queluz, moendo-o com sacos de areia e deixando-o pelas ruas da amargura.

Quem o conheceu de perto viu o rustico e volumoso, exemplar acabado da brutalidade fradesca e fidalga do fim do seculo XVIII em Portugal. Tinha começado por acabo de esquadra e conservava os habitos: até com o principio do Brazil, o futuro D. João VI, a quem tratava dum modo incivil e grosseiro. Era rubro e gordo, e sentado á fresca, desabotoado, satisfazia-se em gozar as digestões. O marquez de Pombal dera-o por confessor á rainha, então princeza do Brazil, por ver como ele era jovial e ignorante. D. Maria I fel-o inquisidor mór e seu

OS REMORSOS DE CLARINHA



CLARINHA era a mais formosa e a mais rapariga de certa aldeia de Tráz-os-Montes, onde nascera.

Seu pae, que passava por ter sido um modesto carpinteiro de Vale de Prados, tinha ido para ali, quando novo, a trabalhar numas obras da sr.^a Viscondessa. Era então um rapaz excelente, muito cioso dos seus deveres e ao mesmo tempo alegre e jovial.

Conhecedor de grande numero de proverbios e anexins, a cada momento os empregava, tendo por consequencia uma filosofia propria, que ás vezes era assaz concetiosa e digna de ser aproveitada.

Oito mezes depois de ter chegado a essa aldeia, afeccionou-se do coração á filha dum commerciante de vinhos e azeites, possuidor duma riqueza que, segundo a voz corrente, era das maiores do concelho.

Este commerciante envidava havia tres annos e a filha, uma gentil moçoila de faces rosadas e porie sedutor, ficava sendo seu unico enlevo. Queria-lhe muito e, por isso, nem sequer a contrariava nas mais pequeninas coisas.

Um dia, a menina Rosalia—que era este o seu nome—segredou ao pae os seus amores e as suas intenções: «amava o carpinteiro e pretendia casar com elle.» E o que é certo é que o velho commerciante, livre de quaesquer preconceitos, lembrando-se de que sua filha, sendo rica, poderia encontrar um noivo que tivesse, pelo menos, uma riqueza igual, mas lembrando-se tambem de que não é a riqueza que em geral torna felizes os homens, e de que o Rocha, o tal carpinteiro, devia ser um bom esposo, atentas as suas qualidades de trabalhador honesto e aproveitado, disse que sim; e elle proprio tratou dos preparativos da boda.

Casados, o Rocha e a Rosalia foram sempre dois esposos modelares, sem a menor desavença. Nem por toda a frequência houve exemplo de casados mais felizes e venturosos, apesar do Rocha ter sido um pobre carpinteiro e a Rosalia possuir uma avultada riqueza.

Desde casamento nasceu a Clarinha, que foi crescendo no meio de todos os cuidados e desvelos, até aos vinte annos, essa idade em que nós a conhecemos, altamente graciosas. Mas a Clarinha, que era dotada da maior belleza, notoria em todo o concelho, a ponto de ser requestada por grande numero de rapazes, que procuravam a todo o transe conquistar suas atenções e ferir-lhe o coração, tinha, quanto a nós, um grave defeito: era vaidosa de mais e possuía a ambição da riqueza.

Na idade que ella tinha, todas as raparigas da sua aldeia mostravam maiores ou menores inclinações por este ou por aquelle rapaz, e até algumas se tinham já casado ou pensavam em se casar.

Só a Clarinha é que não, porque entre todos os rapazes que lhe faziam a corte, nenhum deles apresentava a grande condição que ella tinha em vista: Queria um rapaz que fosse rico. Era esta a sua unica preocupação.

Havia na vizinhança um rapaz que morria de amores por ella. Por coincidência, era tambem carpinteiro e gosava do melhor conceito na povoação. Tinha mãe, não tinha pae, e era elle que, com o modesto producto do seu trabalho quotidiano, sustentava essa pobre velhinha. Bom rapaz, amigo de trabalhar e imensamente respeitador.

Desde que se lhe metera na cabeça a ideia de desposar Clarinha, fixaram-se nella todos os seus pensamentos e parece que não via neste mundo outra coisa mais do que a terra que ella pisava.

Manifestou-lhe duma vez a sua ideia e ella, toda vaidade e insolencia, soltou-lhe, mesmo na cara, uma ruidosa gargalhada. Podia lá ser! Senhora de tão grande fortuna e consentir em se casar com um simples carpinteiro!

E o pobre rapaz, entregue ao peso do seu infortunio, sofreu com o maximo respeito essa injuriosa e flagrante gargalhada, sem todavia perder as esperanças de lhe conquistar o coração.

Passaram-se mais dois annos e um certo dia correu pela aldeia a noticia de que chegava do Brazil um sobrinho do sr.^a Viscondessa, rapaz novo, que por quaesquer circumstancias emigrara de Portugal e tentou fortuna, conseguindo juntar duas duzias de contos. Sentindo-se brasileiro, teve uma ideia aferrada, e essa ideia consistiu em mandar construir uma linda vivenda no meio dum extenso pinheiral que herdara de seus paes.

Clarinha, que até ali não prestara a mais ligeira atenção a nenhum dos seus galanteadores, começava agora a preocupar-se demasiadamente com esse rapaz que, pelo visto, era possuidor de certa riqueza. Não queria ella saber como fôra adquirida nem as demais qualidades que concorriam na pessoa do brasileiro, esse ganancioso fidalgo, usufrutuário de velhos e podres

pergaminhos, que, no proprio momento em que viu Clarinha da primeira vez, tirou informações a seu respeito e, porque era rica, teve logo a intensa preocupação de a conquistar.

A ambição da riqueza aproximara-os e foi essa ambição que um dia os fez esposos. Efectuado o consorcio, cada qual julgava o outro como sua presa e, portanto, como seu escravo. Eis a razão por que a vida de casados principiou desde logo a ser para ambos elles um continuo tormento.

O caso deu que falar e pouca gente havia que não murmurasse daquellas ambiciosas creaturas, cujos corações positivamente dormiam na occasião em que os cerebros, deixando-se vencer pelas fulgurações do oiro, negociaram o seu contrato.

No decorrer dos dias, principiaram as dissidencias a ter o cunho de manifestas incompatibilidades, e tanto bastou para que, a requerimento dela, seguindo-se as praxes do estilo e as rijas formalidades da lei, dentro de dois mezes o juiz da comarca os divorciasse por sentença. Mas de facto divorciaram-se já sómente as riquezas, porque, a bem dizer, jámais os corações dos dois se tinham casado.

Foi então que a sedutora aldeã compreendeu quanto o amor valeria mais do que o ilintar das moedas, e quanto a doce poesia de dois corações irmanados pela força do mesmo sentimento deveria sobrepujar a comedia banal de dois seres que viviam juntos, sem amor e sem esperança, e ambos sujeitos á impressão grotesca e miseravel de se roubarem mutuamente!

E porque assim pensava, depois de ter aprendido esta grande lição de moralidade, a Clarinha deixou os olhos sobre o passado, e teve um estremitamento de remorso, ao correr-lhe na memoria a horivel lembrança daquela impiedosa gargalhada que uma vez solara na presença de Henrique, o tal carpinteiro, quando elle, na sua boa fé, cometera a fraqueza de lhe confessar as suas intenções.

Tinhão decorrido seis mezes certos, além do divorcio. Um dia, muito cedo, notei que se preparava uma grande festa na aldeia. As servições de Clarinha andavam constantemente a sair de casa, empregadas em misteres diferentes. Pareciam sinas de boda e eram efectivamente os preparativos das grandes bodas de Clarinha e do Henrique, esse pobre rapaz franco e sincero, que ainda se morria de amores por ella.

E foi então que os fados se cumpriram. Efectuou-se o casamento, e a vida dos dois esposos tem sido um exemplo de ventura e de paz, sem que a mais ligeira nuvem tenha taldado o seu azul dos seus amores.

Faro.

João Pedro de Sousa.

POETAS

A TOCADORA DE GUITARRA

Tres cordas tem o guitarra,
Uma de ouro, outra de prata...
A terceira, que é de ferro,
Todos lhe chamam ingrata.

Ninguém faça ramalhete
Com flores que não se murchar...
Ninguém tenha cordas de ouro,
Se as não quer ver estalar!

Das tres cordas da guitarra
Só a terceira dá ai...
Bastou-me um amor na vida,
Um só amor e não mais!

Quantas folhas tem a rosa?
Quantos raios tem o sol?
De quantas hervas do monte
Faz o ninho o rouxinol?

Quantas ondas de agua amarga
De tantas que andam no mar,
Quantas ondas são precisas
Para um homem se afogar?

Dizei-me, ó rosas do monte,
E ondas que andaes a fugir,
Quantos amores se querem
Para um peito se partir?

Guitarra, minha guitarra,
Quem as cordas te estelou?
Acabe-se esta cantiga
Aonde o amor se acabou?

Antero do Quental.

O NOSSO NOTICIÁRIO

O nosso estimado director sr. Lister Franco foi convidado pela camara municipal desta cidade para, na sua qualidade de perito em assuntos de pintura, dirigir a colocação e distribuição dos quadros existentes no antigo Paço Episcopal, cedidos pela Commissão Central da Lei da Separação e que vão ser expostos ao publico na egreja dos Capuchos desta cidade.

Os trabalhos começam brevemente. — Veio ao Algarve o sr. coronel José Correa de Mendonça.

— Envolveram-se em desordem, em casa dum individuo de nome Paisa, em Portimão, quatro marinheiros da guarnição da canhoneira «Lurio», surta naquela porto, e os tripulantes dum cerco da casa Fialho. Da refrega saíram feridos Bento Maçanita; ferido por um marinheiro cujo nome se ignora, e Joaquim da Bexiga, ferido ás navalhadas por um individuo de nome Viagas, tambem marinheiro. Os marinheiros fugiram, refugiando-se numa vivenda de Maria Pires,

na do Viagas, onde os seus colegas, que a esse tempo já eram em grande numero, foram procurar, conseguindo prender um. Os restantes evadiram-se pelo telhado, sendo perseguidos por alguns populares, que não conseguiram alcança-los, devido á escuridão e á chuva torrencial que caia. Os donos dos predios vão reclamar do administrador as providencias necessárias para que lhes sejam pagos os prejuizos que causaram e que são grandes.

— Esteve nesta cidade o sr. Domingos Dias Neto, de S. Braz de Alportel.

— Os estudantes do liceu de Beja declararam-se em greve, em virtude do reitor, sr. Domingos Vaz Madeira, ter sido afastado do serviço e mandado sindicado, estando tambem descontentes com a nomeação do major sr. Viriato de Lemos para professor provisorio.

— Afim de solucionar o conflito, partiu para ali, como delegado do ministro de instrução, o sr. dr. Francisco da Costa Cabral, chefe da repartição de instrução secundaria. — Foi concedida a passagem por troca entre os 1.^{os} sargentos de infantaria 33 mrs. João Batista Leite e Antonio Abel Homem Correia.

— Manuel Domingos, com venda de carnes nesta cidade, que em 3 do corrente foi preso por suspeita de passar moeda falsa, foi habilmente interrogado pelo chefe da policia e não por um guarda, como se disse, assim como tambem não lhe foram apreendidos os 33 escudos, mas sim ao aprendiz de pedreiro Manuel de Sousa, que tambem está preso, o qual encontrou 45 escudos falsos em forro duma propriedade de Manuel Domingos.

— Foi mandado promover a snh-chefe de musica o musico de 1.^a classe de infantaria 33 sr. Gustavo Augusto Coelho.

— O sr. Joaquim Mendonça foi nomeado official de diligencias do 2.^o officio do juizo de direito de Faro.

— Está em Tavira, acompanhado de sua esposa e filhas, o sr. Alfredo Pires Padilha, residente em Beja e que veio áquella cidade em visita a sua mãe.

— Já regressaram a Tavira as familias que estiveram veraneando na praia da Abobora.

— O vapor italiano Porto di Adalaia, que navegava para o sul, avarion-se repetidamente, pairando por algum tempo ao sul da estação semafórica de Sagres. Como o vento refrescasse, o navio desceu para a costa, chegando a içar o sinal de socorro para outros vapores.

— O Porto di Adalaia seguiu mais tarde para o sul com pouca marcha mas sem ser rebocado.

— A Commissão Organizadora do 1.^o Congresso Nacional das Associações Comerciaes e Industriais Portuguezas convidou a Escola Industrial Pedro Nunes a fazer-se representar na proxima exposição de trabalhos escolares, que pretende levar a effecto.

POR ESSE ALGARVE

Almancil

Por seu cunhado, o sr. Francisco de Brito, do Arieiro, foi pedida em casamento a sr.^a D. Maria Gertrudes Careto, muito prezada e estremosa filha do sr. Manuel de Sousa Careto, importante proprietario de Vale Formoso, para o sr. Francisco Martins, abastado proprietario de Almancil e possô dileto amigo.

— Encontra-se gravemente doente a sr.^a D. Emilia das Dores Pires.

Desejamos á ditosa senhora rapidas melhoras.

— No sitio das Ferrarias um maltez com o nome de Bóguinha implicou-se em desordem com um individuo chamado Manuel Serafim e com a mulher deste, Augusta Cascalheira. A desordem foi provocada pelo referido Bóguinha que, num ato de verdadeira selvageria, feriu gravemente o Serafim, com fundos golpes de navalha, e não se contentando com este serviço ainda foi munir-se duma espingarda para matar a mulher do ferido; mas como a espingarda errasse fogo, devido ao ruim estado em que se encontrava o cartucho, tratou de massar a mulher com coronhadas, deixando a num miseravel estado. Os dois feridos entraram no hospital.

E ainda não deram ordem de prisão ao miseravel, já tão conhecido por crimes desta natureza.

Alto

O beaterio alense está altamente indignado com o roubo que se effectuou á pessoa de S. Luiz, na sua capela, na noite de 9 do corrente, por individuos que até hoje não se sabe ao certo quem fossem, recaindo muitas das suspeitas em alguns livres pensadores da localidade. São suspeitas infundadas e que positivamente não tem valor algum.

O rei dos animaes e palroo dos beatos e beatas foi retratado da sua residencia por mão misteriosa... ou então seria alguma apaixonada do santinho que o seduziu com os seus galanteios, e ele, arrastado por essa sedução, abandonou a casa e foi juntar-se a esse ente, que lhe causou simpatia.

O caso é que não ha meio de o encontrar, não obstante se terem esgotado todos os meios de pesquisa, para se descobrir o seu paradeiro.

Para onde iria o romanesco conquistador? Balhados são esforços empregados pelos festeiros do belo e gentil santo em sua procura, para com brilho e pompa lhe aquilatar, com os ouvidos com duas gaitadas e um

ministro: quasi rei. Sentia-se feliz, satisfeito, e dava largas á sua alacridade, beliscando as moças do paço e perseguindo-as pelos corredores, como um satiro amavel. A rainha, que era muito piedosa, julgava-o, porem, um santo e nada sabia das suas travessuras. Enfadava-o bastante o governo, a necessidade de ensaiar os conselhos, antes de ir á presença da rainha; e quando olhava para a escada interior, que ligava os seus aposentos aos da soberana, dizia aos intimos: forte praga é aturar essas mulheres, lá de escada acima! Porem a sós, nos seus quartos, desforrava-se á larga, sentado á meza, onde tinha sempre frades seus intimos, e o famoso truão D. João da Falperra, que lhe fazia estoirar de riso a boca atasalhada de leitão assado. Contavam-se então livremente, na intimidade, as crônicas do paço, os escandalos picarescos da corte, apimentados com as escandalosas obscenas ou imundas, que ainda faziam rir nossos paes; as gargolas portuguezas. Outra especie de truão era o leigo que o servia, rochunchudo e choçarreiro, tosco e vulgar; almocreve de sandalias, carreiro de escapulario. O leigo dizia que só tres pessoas tinham entrada no paço: o sabio; o santo e o bobo; mas o primeiro saia logo desanimado, o segundo martir, e só o terceiro prosperava. O arcebispo, incapaz de malicia, meneava a cabeça, ria ás gargalhadas, e comia os leitões louros, nadando em molho, sobre as bandejas de prata.

OLIVEIRA MARTINS.

SILVESTRE FALCÃO

Alguem nos pergunta se o ex-ministro sr. Silvestre Falcão estará em Tavira.

Qual o que?! Pois não é candidato a deputado unionista pelo Funchal?! A estas horas com certeza anda a percorrer todo o seu circulo, afim de conhecer os eleitores e para que estes o conheçam a ele.

Ai não, que hoje os deputados fiam mais fino. Isso de ser deputado e não se apresentar aos seus eleitores era moeda corrente na monarchia. Presentemente é vê-los, numa dobadoira terrivel, em comícios e conferencias, todos os dias e por toda a parte.

Nestes termos, é claro que o sr. Silvestre Falcão deve ter saído de Tavira e anda, pela certa, a fazer discursos no Funchal.

E' pelo menos isto o que nos parece que deve ser, e é o que nos consta.

A telegrafista de Boliqueime

COM VISTA AO EX.^{mo} SR. DIRECTOR DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

E' sublime todo o ideal, que visa a atingir a Verdade, quando procura alvareza da luta, do perigo e do sacrificio, conquistar um melhoramento.

Na senda desta conquista, no caminho aureolado da Verdade, muitos nos tem apparecido.

A humanidade, conquanto na apparencia seja constituída por elementos bem semelhantes, não o são na realidade.

Correntes antagonistas existem bem latentes, que sob fundamentaes principios se repelem, procurando dia a dia a expansão do espirito humano, como suprema conquista da Verdade e Civilidade.

A telegrafista de Boliqueime, de quem muitos jornaes se tem occupado, devido ao desempenho das suas funções, tem lido razões para a criticarem, e eu mais uma vez o vou confirmar.

Conheço muitos empregados publicos e não ha um só que cumpra rigorosamente o seu dever, e eu por experiencia propria fallo e escrevo, porque tambem sou empregado publico.

Quer a senhora telegrafista de Boliqueime, por ter chegado ha pouco da China, cumprila? Não!

Mas se cumprisse com o seu dever regulamentar para com todas as pessoas, estava muito bem, e se não houvesse excepções ainda melhor estava.

Assim, não posso deixar de fazer a minha critica e para tal, assino-a, para que v. ex.^a não esteja em duvida a respeito do seu autor. Ella tem feio e faz, quando muito bem lhe apetece, as taes excepções, que consistem em receber e entregar officios depois da hora regulamentar.

Porem, hontem, um quarto ou meia hora depois da hora, apeteceu-lhe cumprir o regulamento para com Mariana das Duas Alves, com quem, segundo informações, não devia ter a mais pequenina zanga.

Pelo contrario, a senhora telegrafista recebeu do meu desditoso amigo Sebastião Alves Maria alguns favores que não vale a pena citar, e, em compensação, paga á sua familia coim...

Não satisfeita com o caso presente, responde de lá a maná da sr.^a telegrafista que comprou um selo, mas que tambem não vendeu, dizendo ainda: meta na caixa o officio sem selo, que é mais meio tostão de multa que paga, logo que queira que o officio siga.

Alguns habitantes de Boliqueime, especialmente aqueles que estão lesados nos seus interesses, veem por este meio pedir ao ex.^{mo} sr. director dos correios e telegrafos para corrigir estas irregularidades, fazendo ciente á sua empregada que, recebeu-

do officios dos que lhe são gratos, depois da hora regulamentar, tambem os deve receber dos que lhe são ingratos, não fazendo assim duns filhos e duntros entallos, e bem assim, á irmã da mesma, que não é ali o seu logar para responder ao publico tão indelicadamente.

Boliqueime, 6 de novembro de 1913.

José Gonçalves Elias Junior.

Terrivel explosão

Na fabrica de polvora do industrial sr. Manuel da Cruz Costa, do logar do Coroteiro, S. Braz de Alportel, deu-se na manhã do dia 12 uma terrivel explosão, que causou a morte a um rapaz de 20 annos, filho do referido industrial, e a um outro operario, que se encontrava no mesmo local. O estrondo foi ouvido a mais de 7 quilometros de distancia e alguns dos destroços foram arremessados a mais dno quilometro. O prejuizo material é grande.

A LOUCURA HUMANA

No *Constitutionnel*, jornal de Paris, afirma o dr. Georges que nem todos os doídos estão nos hospitaes Vejamos o que elle diz:

Essa a opinião dum alienista muito competente, o dr. Legrand du Sault, que clava unicamente, como exemplo de aberração de espirito, um grande numero de testamentos extravagantes, dos quaes alguns merecem ser referidos.

Luiz Cortusio, juriscosulto de Padua no seculo XV, prohibia a todos os seus parentes e amigos que charassem no seu enterro. O que chorasse era irrevogavelmente deserdado. O que risse com mais vontade ficava seu principal herdeiro. Afóra isso indicou no testamento as musicas que haviam de ir no enterro, danças, etc.

Um outro, Winslow, professor de cirurgia, deu ordem para que os cavalos da sua carruagem fossem finzados, afim de não serem maltratados por outros donos.

Em 1776 morreu em Londres um individuo que tinha ganho uma fortuna de 60.000 libras esterlinas. Desejando prestar á Bolsa, onde tinha ganho todo esse dinheiro, uma homenagem postuma, constituiu herdeiro universal da sua fortuna um dos seus primos, que não era negociante, com a condição formal de ir todos os dias á Bolsa e de lá ficar das duas ás tres. Por coisa nenhuma devia deixar de o fazer, exceto se tivesse doença provada. Bastava uma falta para a herança passar para outras mãos. O herdeiro viveu como um escravo, amaldiçoou a herança, tornou-se melancolico e acabou por morrer de spleen.

Os testamentos em em que se veem deixas feitas a animaes são frequentes. Em 1805, um fidalgo rico inglez, M. Berkeley, deixou uma pensão de 25 libras esterlinas a quatro dos seus cães. Uma dama ingleza deixou 10 libras ao seu macaco Jacko, cinco libras ao seu cão Shuck, e ao seu gato Tib uma renda vitalicia. No caso de morte duns dos herdeiros, devia a renda passar para os sobreviventes, e em ultimo caso para a filha da defunta, «por causa da numerosa familia que sustentava e educava com custos».

Mas nem só os inglezes tem o privilegio destas ideias extravagantes. Falou-se muito em Paris, ha alguns annos, dum testamento muito semelhante, feito pelo commendador portuguez Gama Machado, que deixou por sua morte varios legados a animaes.

Pelos fins de agosto de 1840, morreu perto de Chollenhain um homem chamado Gothard, que havia adquirido algum pecunio vendendo hortaliças. O defuncto tinha uma grande afeição por um burro que tinha sido seu companheiro de trabalho durante 25 annos. Nos dias de festa, comia com elle á meza, servindo-o primeiro que a ninguém. Afóra uma renda que lhe deixou, no testamento, exigiu que os herdeiros, sob pena de perderem a herança, fizessem que o burro fosse adeante de todos no enterro, com uma capa enfeitada e fumo á roda das orelhas. Os padres gritaram, mas os herdeiros resistiram. O programa cumpriu-se á risca, só com a diferença do burro ficar á porta da igreja.

A graça alheia

NUM TRIBUNAL

Juiz: Qual é o seu estado?

Acusado: Triste, senhor juiz, muito triste.

Juiz: Em que se occupa? O que faz?

Acusado: Faço o desespero da minha familia.

CONTRARIEDADE

Propõem para marido, a uma donzella formosa, um velho arquimilionario. — Que idade tem elle? pergunta a rapariga.

— Vae fazer 70 annos, mas parece um homem de 45, quando muito.

— Que zanga! Preferiria que parecesse ter 100... e que os tivesse realmente!

O HERALDO, bi-semanario republicano democratico, é o jornal mais estimado do povo e o de maior circulação em toda a provincia do Algarve.



FABRICA PROGRESSO FARENSE

DE LADRILHOS MOSAICOS

OS MAIS RESISTENTES, ECONOMICOS E EMBELEZADORES

FABRICO ESPECIAL EM DESENHOS E FEITOS MODERNO

Deposito de cimentos nacionais e estrangeiros—Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

F. J. PINTO JUNIOR E COMP. A FARO

Ninguém mande vir de fora nem compre noutras casas, sem primeiro visitar esta fabrica

LOTERIA

DA

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

1.º premio 240:000\$00

2.º premio 30:000\$00

Extração a 24 de dezembro de 1913

Bilhetes a 100\$00

Quadragesimos a 2\$50

A Tesouraria da Misericórdia encarrega-se de remeter todos os pedidos de bilhetes em notas, vales, cheques, ordens postais ou valores de fácil cobrança, de maneira segura a evitar extravios.

O nome e residência em caracteres bem legíveis.

As importâncias a remeter ao Tesoureiro da Misericórdia podem ser em notas, vales, cheques, ordens postais ou valores de fácil cobrança, de maneira segura a evitar extravios.

Aos compradores de 5 ou mais bilhetes inteiros abona-se a comissão de 3 por cento. Remetem-se listas a todos os compradores.

LISBOA, 10 de Outubro de 1913.

O TESOUREIRO.

L. A. de Avelar Teles

Arrematação

No dia 16 do corrente mez, pelas doze horas hade continuar o leilão dos efeitos da massa falida do comerciante José Martins da Cunha, no seu estabelecimento na rua 1.º de Dezembro, pelo preço da sua avaliação, sendo postos em praça os que não tiverem lançadores nas anteriores por metade do seu valor.

Faro, 10 de novembro de 1913

O escrivão,

José Joaquim Peres.

Verifiquei:

O juiz presidente do Tribunal do Comércio,

Dias Ferreira.

Atenção

Vende-se um bom violino, com caixa e todos os seus acessórios. Quem pretender, pode dirigir-se a esta redação



A CRISE DA MATERNIDADE

O grande segredo dum parto feliz e do facil desempenho dos deveres do período da amamentação, encontra-se na conservação duma boa saúde. A saúde e o bemestar da criança, durante estes períodos, depende muito especialmente do estado da saúde da mãe.

Sendo tomada antes do parto e durante este período, a Emulsão de SCOTT dissipa a lassidão e o desanimo, habilitando a mãe a sustentar mais facilmente a grande crise da maternidade.

Depois do parto, a Emulsão de SCOTT restabelece as forças e enriquece a quantidade e a qualidade do leite. Além disto, por meio da mãe.

NUTRE A CRIANÇA

tanto antes como depois do parto, e prepara assim uma infância vigorosa, forte e saudável.

Ministrada em intervalos regulares durante os primeiros anos duma criança, a Emulsão de SCOTT promove a formação de dentes fortes e brancos, e de músculos e ossos bem desenvolvidos, evitando os perigos do raquitismo, da anemia, escrofula, linfatisimo, definhamento e um sem numero de doenças e fraquezas infantis.

Emulsão de SCOTT



Vede o peixeiro com o grande peixe, no pacote, sinal da pureza, boa qualidade e força do preparado SCOTT. Recomendado por todos os medicos para uso tanto das crianças como dos adultos.

Todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT. Representante: A. Y. SMART, Rua da Fabrica 27, Porto.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Faro e cartorio do quarto officio, no inventario orfanologico a que se procede por obito de Manuel Lourenço Caiado, ex-morador no sitio do Serro do Alportel, freguezia de S. Braz, casado que foi em segundas nupcias com a inventariante Maria Anica Rainha, moradora no mesmo sitio, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação do presente anuncio no *Diario do Governo* citando o interessado Antonio Lourenço Caiado, solteiro, de maior idade, ausente em parte incerta, para todos os termos do relerido inventario até final, sem prejuizo do andamento dele.

O escrivão do 4.º officio

Francisco José Bernardino de Brito

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Dias Ferreira

ESTUDANTES

Em casa duma senhora edosa e honesta, aceitam-se estudantes a preços razoaveis.

Largo de S. Francisco n.º 51

—FARO—

ANUNCIO

Izidro Martins Caiado dá explicações do curso geral dos liceus por preços modicos. Tambem dá explicações de escripturação comercial e faz traduções de francês e inglês.

Dirigir ao mesmo em Faro.

FARMACIA HIGIENE DE FARO

Diretor tecnico—JOSÉ GONÇALVES BANDEIRA

RUA IVENS 22—RUA TENENTE VALADIM 17

ESPECIALIDADES RECOMENDAVEIS

(Exigir sempre o nome do preparador JOSÉ G. BANDEIRA)

CONTRECZEMA

Empregado com successo em:

ECZEMAS-PSORIASIS

HERPES-DERMATOSES

POMADA RESOLUTIVA

Doenças em que o seu uso dá optimos resultados:

Plegmatia alba dolens, linfagite, furunculose, reumatismo, entorses etc., etc. Portanto em todas as doenças inflamatórias e dolorosas deve sempre empregar-se

Esta farmacia acha-se tambem habilitada a fornecer de pronto qualquer medicamento; preparado ou penso asepsado, para o que se encontra fornecido com todos os aparelhos modernos necessarios para as manipulações de assepsia.

ELIAS D'A. SABATH

—COM—

Estabelecimento de drogas, ferragens, tintas, vidraça e outros artigos a PREÇOS EXTREMAMENTE CONVINDATIVOS

como o proprio freguez poderá verificar.

Ninguém compre sem primeiro visitar este estabelecimento.

RUA D. FRANCISCO GOMES, 18 a 22

PORTAS ENCARNADAS

EDITAL

Feliciano Santos, bacharel formado em direito e administrador interino do concelho de Faro:

FACO saber que nesta Administração do Concelho, foi requerida licença por José Ramos Barros, casado, residente no sitio de Benatrite, freguezia de Santa Barbara de Nexe deste concelho, para estabelecer uma fabrica de telha e tijolo, em um cercado pertencente a João Ramos Barros, situado no sitio do Telheiro da referida freguezia, o qual confronta pelo norte com o caminho para Benatrite, sul com caminho para propriedades, nascente com João Galego e poente com José Ramos.

Este estabelecimento acha-se compreendido na 2.ª classe da tabela anexa ao Decreto de 21 de outubro de 1863, com a designação de *muíto fumo e perigo de incendio pela acumulação de combustivel*, pelo que, em conformidade do art. 6.º do referido Decreto, são convidadas todas as autoridades, chefes ou gerentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a apresentar nesta Administração, dentro do prazo de trinta dias, a contar da presente data, a exposição, por escrito, de qualquer motivo de opposição que tiverem contra a concessão da mesma licença.

E para constar, nos termos do mesmo Decreto, foi este e outro de igual teor, afixados nos logares designados na lei.

Faro, 10 de Novembro de 1913.

Feliciano Santos.

Está conforme:

Administração do Concelho de Faro, 10 de Novembro de 1913.

O amanuense, servindo de secretaio,

Joaquim de Sousa Dias.

ANUNCIO

(2.ª publicação)

No dia 23 do proximo mez de novembro, pelas 12 horas, á porta do tribunal judicial desta comarca, na Travessa Rasquinho desta cidade, na execução por custas que a Fazenda Nacional move contra o executado José Dias, casado, divorciado, proprietario, morador no sitio de S. João da Venda, freguezia de S. Lourenço de Almancil, comarca de Loulé, se ha de pôr em hasta publica e arrematar a quem mais der, o seguinte predio pertencente ao executado: Um deseseis avos em um predio rustico no sitio de S. João da Venda, freguezia de S. Pedro, de Faro, que no seu todo consta de terra de semear, com oliveiras e mais arvores, no valor de

quarenta e um escudo e vinte e cinco centavos. As despesas da praça e o pagamento de toda a contribuição de registo ficam a cargo do arrematante.

São por este citados quaesquer credores incertos, nos termos do n.º 1.º do art.º 844.º doCodigo do Processo Civil.

O escrivão do 4.º officio

Francisco José Bernardino de Brito

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Dias Ferreira.

FARMACIAS

Estão amanhã de serviço as seguintes farmacias:

Higiene, (Rua Ivens 22); Paula, (Rua Direita); Associação, (Rua de Santo Antonio).

DIA HISTORICO

Novembro

13—1458—Primeiro cerco do Alcazar Caguer—1460—Morte do Infante D. Henrique na vila de Sagres.—1792—Tomada de Binzelas pelos franceses.—1819—Nascimento de José Ramos Barros.—1863—Nasce em Olhão o dr. Estevam de Vasconcelos.—1911—N.º duas de Pernambuco dá-se uma foz. Tinha dentro 25 minutos, arvorando os conselhos das respectivas habdeiras.

12—1811—Tomada da cidade de Bitolá, na India, pelos portuguezes.—1716—Morte do Lebniz.—1800—Revolução dos Janineiros em Constantinopla.—1911—Os soldados reclamam do governo contra a introdução no paiz das maquinas de soldar.—O dr. Alexandre Piage sae de Buenos Aires para Montevideo.

15—1600—Morte de Keppeler.—1738—Nascimento de Hirschell.—1793—Suicídio do ex-ministro girondino Roland, ao saber que sua esposa fora guilhotinada.—1889—É proclamada a Republica nos Estados Unidos do Brazil.—1912—As caméas suspendem os seus trabalhos em homenagem ao Brazil.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, domingo, 16—D. Luiza Antónia Teixeira, D. Antonia de Oliveira Pinto, D. Joana do Carmo Brito, D. Augusta Josefa Fernandes, D. Emilia Luzia da Silva Santos, João Francisco Moreira, José Antonio Pinto Peres, Alvaro dos Santos Machado, Francisco José da Silva, João Antonio Moreno e o menino Carlos Vieira Afonso.

Segunda-feira, 17—D. Alice Vieira Saigo, D. Antonia do Oliveira Pinto, D. Joana da Conceição Peres, D. Maria da Piedade Garcia, Mateus Marques Teixeira de Azevedo, João José Belchior, Antonio Elipio Tanguariba e João Bernardino Henriques.

Terça-feira, 18—D. Maria da Soledade Pires, D. Ana Ferreira da Costa, D. Henriqueta Antonia dos Santos, D. Clarisse do Jesus Cabrinha, Francisco Vicente Maldonado, Joaquim Fonseca, João Monteiro Ramado, José Antonio da Silva, e José João Pêcheo.

Quarta-feira, 19—D. Debiana Anta Ramos, D. Francisca Bernardina Arizel, D. Maria Sebastiana de Araújo Ribeiro, D. Maria Leopoldina das Chagas Moreno, D. Mariano Melandado Ferreira, João Batista Ferreira, José Maria dos Santos, José da Silva-Comato, Antonio Domingos da Mata e Joaquim Antonio Balbrea.

Necrologia:

Faleceu em Olhão o sr. dr. Trindade Peres, irmão do nosso amigo sr. José Joaquim Peres, digno escrivão de direito nesta comarca.

Faleceu em Lagos o sr. José da Costa Xavier.

Faleceu em Loulé o sr. Manuel Rodrigues Corrêa, que foi um dos maiores comerciantes do Alentejo, agente do Banco de Portugal e de varias companhias.

Faleceu em Tavira a mão do sr. Joaquim Tomaz Guimarães, empregado do caminho de ferro desta cidade, e avô dos srs. Manuel José Guimarães, tenente de infantaria 1.º, e João Carlos Guimarães, alferes do mesmo regimento. A's famílias enlutadas os nossos pezaes.

